

PALHA DE TUCUMÃ



RESULTADOS DA PESQUISA

Histórias, conhecimentos e práticas de pessoas com tucumãzeiros mostram as interações e as mudanças na produção dos trançados do Arapiuns



EDITORIAL

Em 2012, a pesquisadora Thaís Helena Medeiros produziu a Revista Palha de Tucumã, para compartilhar as informações sobre sua pesquisa realizada com tecedeiras em palha de tucumã em várias comunidades do rio Arapiuns.

Agora, em 2023, uma segunda edição dessa revista foi produzida, mas dessa vez, por mim, Ana Carolina Vitorio Arantes (Carol), com a concordância e o apoio de Thaís. Nesta segunda edição, eu mostro em imagens e textos, o que eu compreendi com minha pesquisa de doutorado pela Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).



Todas as informações presentes aqui são de minha inteira responsabilidade e quando as imagens não forem de minha autoria, o autor estará indicado na imagem. Caso tenha dúvidas ou interesse de saber mais sobre a pesquisa, a tese de doutorado completa está disponível no Repositório Institucional da Ufopa (<https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/>) e também é possível entrar em contato comigo.

PARA FALAR COMIGO:

E-MAIL: ANACV.ARANTES@GMAIL.COM
OU CELULAR (93) 99167-2783

Antes de começar a falar do trabalho, quero deixar meus agradecimentos à todas as artesãs e suas famílias; à AARTA; à Feagle e ao STTR. Sem o apoio e a disponibilidade desses, essa pesquisa não ocorreria.

A PESQUISA

O QUE QUIS ENTENDER?

NA MINHA PESQUISA, PROCUREI ANALISAR ALGUMAS MUDANÇAS NA PRODUÇÃO DO ARTESANATO TRANÇADOS DO ARAPIUNS E COMO ELAS MODIFICARAM OS SABERES E AS PRÁTICAS DAS ARTESÃS COM OS TUCUMÃZEIROS E AS PAISAGENS NAS COMUNIDADES.

COMO FIZ ISSO?

EU PASSEI TEMPO EM TRÊS COMUNIDADES: ARATAPI, COROCA E VISTA ALEGRE. ENQUANTO ESTIVE NESSAS COMUNIDADES, FUI RECEBIDA POR ALGUMAS FAMÍLIAS E CONVERSEI BASTANTE SOBRE O ARTESANATO E SOBRE OS TUCUMÃZEIROS, ALÉM DE ACOMPANHAR ALGUMAS ATIVIDADES COMO TIRAR GUIAS, PEGAR FRUTAS, PREPARAR PALHAS E OUTRAS ATIVIDADES.



Nas próximas páginas, em três partes, eu mostro, resumidamente, o que consegui entender com a pesquisa.

Organização social em torno dos trançados do Arapiuns

Historicamente, a produção de objetos em palha de tucumã é feita, principalmente pelas mulheres mais velhas.

Antigamente, eram produzidos principalmente chapéu, cesto/balaio e a pintura das palhas era feita com anilina.

Mas o que vemos, atualmente, nas mãos das artesãs e nas lojas é uma infinidade de outros tipos de peças, com palhas coloridas naturalmente. Também é comum ver crianças e homens tecendo.

O que provocou essa mudança?

Junto com artesãs e familiares, tentamos entender os motivos...

Entendemos que houve um processo de mudança ou nas palavras de dona Maria Madalena, um processo de "descoberta" do tecido. Esse processo pode ser dividido em três fases:

1. **Descoberta por instituições e pelas próprias artesãs (2000 a 2006)**
2. **Presença de um entreposto na cidade e a descoberta pelos santarenos (2007 a 2014)**
3. **Consolidação e expansão das descobertas (2015 a atualidade)**

Na primeira fase, é destaque a atuação do padre José Gross e do Ibama na vila Coroca.

Com esses parceiros, a comunidade iniciou projetos de criação animal e de plantios.

Também tiveram interesse em começar atividades turísticas ali.



Ao mesmo tempo, no Aritapera (várzea), estava sendo executado o projeto Cuias de Santarém, pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP). O Sebrae foi um parceiro muito importante na execução desse projeto e foi quem articulou uma reunião entre a equipe do projeto das cuias com o governo da Finlândia, que já realizava ações de promoção ao turismo na vila Coroca.

O tecido era um produto que chamava a atenção do Sebrae, como produto de potencial para comercialização, que sempre ocorreu, mas com preços baixos e dependente de atravessadores.



Ambas fotos são de Moreira (2005), acervo CNFCP.



Com reuniões entre a equipe do CNFCP, Sebrae, governo da Finlândia e moradores da vila Coroca, surgiu o projeto Trançados do Arapiuns. O projeto foi desenvolvido entre 2004 e 2005, com a participação de aproximadamente 30 pessoas, de várias comunidades. Reuniões e oficinas foram realizadas com o grupo de artesanato criado, para melhorar a qualidade de acabamento e tingimento das palhas e criar novos objetos para comercialização.



Carvalho (2006)

As peças foram se modificando e as formas de comercialização também, que passou a ocorrer em segmentos que valorizavam os saberes das artesãs e os componentes ambiental e cultural em que os tecidos eram produzidos.

Com o fim do projeto e os bons resultados obtidos, parte das artesãs se interessou por criar uma associação para dar continuidade a projetos de valorização do artesanato.

Assim, em 2006, foi formalizada a criação da Associação de artesãos e artesãs das comunidades de Nova Pedreira, Vista Alegre e Coroca, a AARTA. De início, eram 14 sócios, sendo três homens.



Com o tempo, o turismo passou a ser um pouco mais frequente na vila Coroca. Enquanto ali não havia instalações para atender aos turistas, a casa de dona Neida era utilizada para receber e organizar as peças de artesanato. Mas em 2008, ela e sua família se mudaram para a cidade.

A presença de uma artesã morando na cidade facilitou algumas coisas, como a solicitação de pedidos, contato direto com clientes, busca por editais para projetos da AARTA etc. A casa de dona Neida servia como um entreposto do artesanato na cidade, fazendo a ponte entre o Arapiuns e os clientes espalhados no país.

Nesse período, a primeira loja física na cidade surgiu. Muitas premiações a AARTA e a dona Neida ocorreram, como o Prêmio Sebrae TOP 100 de artesanato. É interessante que, apesar de alguns prêmios terem sido dados a Neida, individualmente, tanto ela, quanto a maioria das artesãs, entendem que foram prêmios coletivos, resultado do trabalho das artesãs em conjunto.

A partir de 2010, o turismo aumentou consideravelmente na Coroca e também nessa região do Arapiuns.

O artesanato teve papel fundamental na promoção do turismo na comunidade e vice-versa, com será visto na próxima fase.



A última fase é marcada por duas iniciativas importantes: a instalação da loja física da AARTA no Cristo Rei e a elaboração do protocolo de turismo da Vila Coroca.

Devido ao reconhecimento que ao artesanato já estava recebendo no município, a prefeitura se comprometeu a disponibilizar um espaço no futuro centro de artesanato para a AARTA. Assim, com sua inauguração, a loja foi transferida de local. Lá, estão à venda tecidos de diversos formatos, tamanhos e cores, de brincos a mandalas, vindas das diferentes comunidades de sócias da AARTA.



Pereira (2020)

Em 2015, foi elaborado o protocolo de turismo da comunidade, que organiza como essa atividade deve ocorrer. Os dados levantados por Giselle Assis (2021) mostram que, entre 2016 e 2018, houve um aumento de 92% na quantidade de turistas.

Os ciclos de baixa e alta temporada turística influenciam a administração da lojinha na comunidade. Na baixa temporada (março a junho), com a menor quantidade de turistas, as peças levam mais tempo para serem vendidas, o que faz com que a loja fique mais tempo cheia. A demora para vender peças e para receber o valor faz algumas artesãs tecerem menos.

Já na alta temporada (julho a fevereiro), para suprir a grande demanda de peças na lojinha, a diretoria da AARTA precisa ir até as sócias para “fazer a coleta de peça”, para repor o estoque.

Os objetos atualmente produzidos pelas sócias da AARTA são resultante da co-criação de artesãs e designers, do contato com outras artesãs, outros artesanatos e com o mercado externo à região. Além de chapéus, descansos de panela, sacolão, porta-cerveja, fruteiras e outros objetos, as artesãs não param de criar novas peças, de acordo com pedidos, interesses e curiosidade.



A produção das artesãs foi alcançando maior valor de mercado ao longo do tempo. A seguir, a tabela mostra o valor de comercialização entre os anos de 2008 e 2020 de algumas das peças comercializadas.



Variação de preço de diferentes peças comercializadas pelas AARTA, entre os anos de 2008 e 2020.

PRODUTO	VARIAÇÃO DE PREÇO
Balaio - AARTA (diferentes modelos)	R\$ 7 - 45
Bandeja tamanho G - AARTA	R\$ 20 - 60
Bolsa - AARTA (diferentes modelos)	R\$ 15 - 90
Cesta - AARTA (diferentes modelos e tamanhos)	R\$ 15 - 72
Descanso - AARTA (diferentes modelos e tamanhos)	R\$ 6 - 27
Mandala - AARTA (diferentes modelos)	R\$ 35 - 135
Porta-joias - AARTA	R\$ 6 - 18
Sousplat	R\$ 15 - 35

Fonte: Sala do Artista Popular, sistematizado por Ana Carolina.

No momento desta pesquisa, a AARTA tem mais de 100 sócias e sócios, que ainda não suprem a necessidade de peças para manter os trançados do Arapiuns em exposição nos diversos locais de venda.

Para dar conta das atividades, quatro diretorias trabalham em conjunto na associação: geral; comercialização e vendas; tesouraria; e eventos.

Por fim, em 2022, os Trançados do Arapiuns foram declarados como patrimônio histórico, cultural e imaterial do município de Santarém, com a aprovação do projeto de lei nº 21.491. Essa declaração reconhece o saber-fazer tecido como um bem a ser preservado, busca promover sua continuidade e eleva esse artesanato a um símbolo de identidade santarena.

Algumas conclusões dessa parte da pesquisa:

A histórica produção de objetos em palha de tucumã no rio Arapiuns passou por mudanças e passou a ser valorizado enquanto artesanato tradicional.

A atuação de atores governamentais e não governamentais, entidades religiosas e privadas foi o estímulo para que o artesanato se tornasse valorizado.

Mas, grande parte dos acontecimentos narrados, só foi possível através da criação de uma organização social em torno do tecido, a AARTA. Sua existência e atuação possibilitaram a construção, estruturação e reforma da lojinha/Galeria Aripó na Vila Coroca, que atualmente é o principal local de vendas do artesanato, possibilitaram também as premiações as quais o coletivo concorreu, entre muitas outras conquistas. E a existência e atuação da AARTA só rendeu esses frutos porque as artesãs reconheceram o valor que o tecido tinha.

Saberes e práticas em meio aos vegetais nos trançados do Arapiuns

AGORA IREMOS TRATAR DOS TUCUMÃZEIROS, QUE FORNECEM PALHA PARA O ARTESANATO, MAS TAMBÉM FORNECEM ALIMENTO PARA PESSOAS E ANIMAIS.

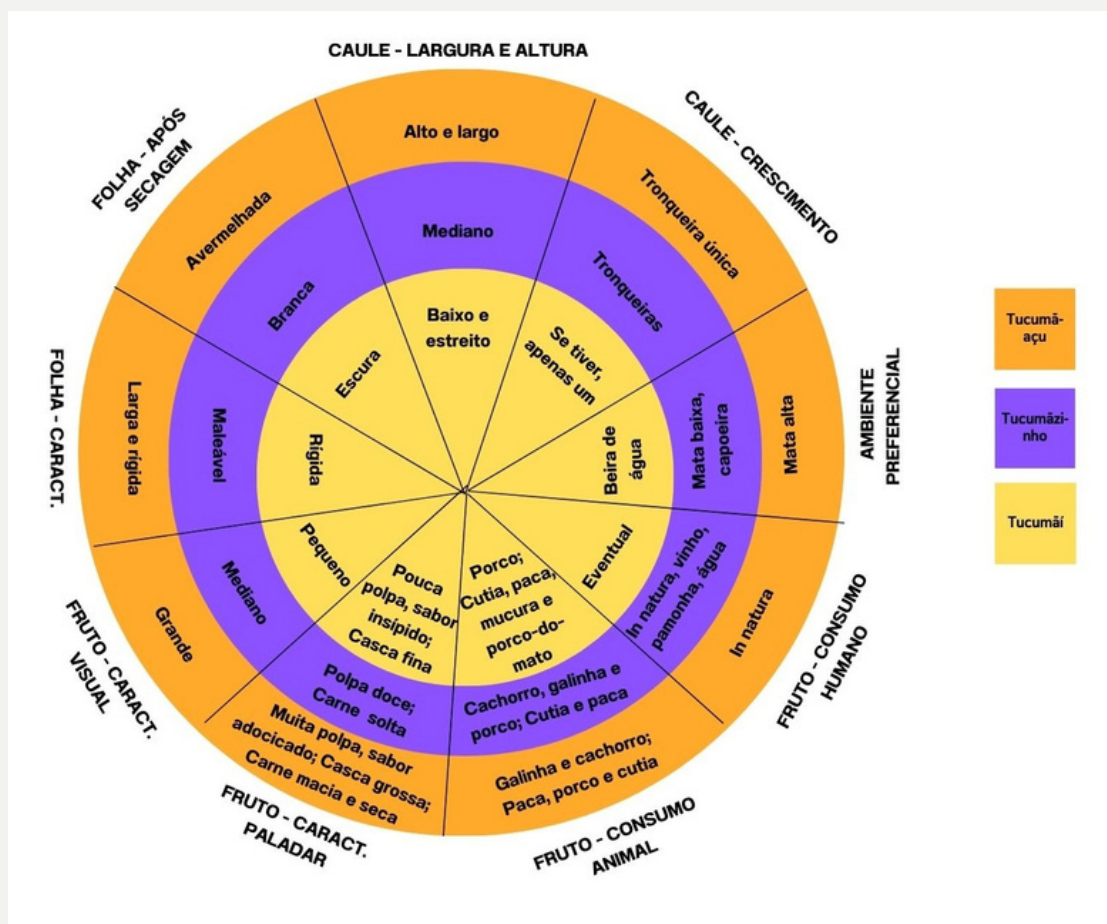
Quando se fala de tucumãzeiros, é preciso saber que existe uma variedade deles.

Basicamente são identificados três tipos:

tucumã-açu/tucumã-uaçu, tucumãí e tucumã (também chamado de tucumã-piranga, tucumãzinho, tucumã-comum e comunzinho, tucumãroba, tucumã-normal e tucumã-tradicional).

Na ciência, os tucumãzeiros são identificados pelo nome *Astrocaryum* (que significa caroço estrelado) e todos possuem uma característica marcante: longos espinhos.

Mas os três tipos possuem características que os fazem ser diferentes entre si. Para resumir a grande quantidade de informações que artesãos e familiares conhecem sobre eles, vejamos o quadro abaixo:



NAS CONVERSAS SOBRE AS FORMAS DE USO DOS TUCUMÃZEIROS, O CONSUMO DOS FRUTOS NA ALIMENTAÇÃO FOI MUITO MENCIONADO. MAS ESSA PRÁTICA FOI APONTADA POR TODAS INTERLOCUTORAS E INTERLOCUTORES COMO EM DECLÍNIO. A SEGUIR, SERÃO TRATADOS AS FORMAS E ASPECTOS DO USO DOS FRUTOS NA ALIMENTAÇÃO E DAS FOLHAS NO ARTESANATO.

Como o quadro da página anterior mostra, as frutas dos tipos de tucumã têm tamanhos diferentes, a carne varia em sabor e textura e há diferentes formas de comê-los, sendo que o tipo tucumãzinho, geralmente, é o mais apreciado pelas pessoas.

Mas quais as características de uma fruta boa para comer?

Doçura e maciez da massa/carne são o que tornam a fruta apreciada, como explicaram dona Leuca:

“ele é doce. Porque tem uns que são baré, eles não são doce mesmo, é sem graça”

e dona Selma:

“tem uns que são macio, bem mais carnudo assim, tal, mais docinho...esses aí são mais queridos”.



Ao passar pelos tucumãzeiros, enquanto estão de passagem ou em busca de frutas, as interlocutoras avaliam os frutos e formam um registro sobre suas qualidades. Assim, criam um mapa mental do território e das árvores de fruta boa, voltando sempre aos mesmos pés para verificar se já estão com frutos novamente.

O consumo dos frutos faz parte das memórias das pessoas, como lembrou seu Jackson:

“quando eu comecei a me entender, eu lembro que a minha avó, ela pegava tucumã lá na, fruta de tucumã [...] lá na Pedreira”.

Porém, todos com quem conversei sobre o uso dos tucumãzeiros, me disseram que o uso para alimentação está diminuindo. Alguns me enfatizaram que, atualmente, para serem consumidos, os frutos devem ser muito saborosos, enquanto no passado a exigência de sabor era menor. E nas famílias em que havia o consumo em períodos anteriores, atualmente, não há mais:

“meus filhos ainda tomaram bastante isso [vinho de tucumã] e hoje eu não faço mais [...] e na época fazia muito” (dona Luza).

A percepção de que o consumo dos frutos pelas famílias tem diminuído encontra explicações parecidas entre as interlocutoras e interlocutores, por exemplo: em períodos passados, havia menor variedade de alimentos acessíveis e maior dificuldades de obtê-los, o que gerava maior dependência dos alimentos da região.

Por outro lado, segundo relataram, atualmente, há maior variedade de alimentos para as famílias, por causa dos incentivos à criação animal, além dos pescados que já eram consumidos, quanto por incentivos ao plantio de frutíferas.

Além dos incentivos desses projetos, não podemos ignorar as transformações locais das últimas décadas, por exemplo: a maior facilidade de deslocamento entre o Arapiuns e o centro urbano de Santarém, o aumento de trocas comerciais na região e a maior presença de pontos comerciais dentro das comunidades. Ou seja, um conjunto que facilita a obtenção de alimentos produzidos fora da região.



Enquanto o uso dos frutos para consumo da família diminuiu, outra forma de uso do tucumãzeiro se ampliou, como observou dona Leuca:

“mas olha, agora já não, eles são mais dedicado de fazer a cesta, os tecido da folha, e não mais pra...pra comer né?”

e dona Nersiana: *“eu acho que hoje em dia, o tucumã tá tendo mais pra fazer os tecido né?”*

Ele tá sendo mais valorizado pra fazer os tecido [...] essa época, uns anos atrás aí que se passou, ele tá sendo mais valorizado pra fazer os artesanato”.

Na percepção das interlocutoras e interlocutores, o uso das folhas do tucumãzeiro aumentou e passou a ser a principal forma de uso da palmeira. Folhas que ao se transformarem em palha, são matéria prima para a produção dos trançados do Arapiuns.

Assim, o que se vê, atualmente, nas comunidades estudadas é um pequeno uso das frutas para alimentação humana e o intenso uso das folhas para a produção artesanal.



As palhas boas para tecer são macias, não espocam facilmente e, quando secam ao sol, ficam brancas. Porém, como o tipo do tucumãzeiro não define com exatidão as características das folhas e, em consequência, das palhas, é preciso experimentar as folhas.

A experiência ocorre quando uma tronqueira de tucumã começa a dar as primeiras guias. Caso alguma artesã já tenha feito o experimento, pode compartilhar o resultado com as colegas.

As experiências das artesãs com as diversas tronqueiras e as experiências compartilhadas pelas colegas, produzem um mapa mental, isto é, uma espécie de catálogo de indivíduos tucumãzeiros bons ou não para a retirada de guias para a produção artesanal. Com essas informações, elas podem ir diretamente às árvores que dão palhas de boa qualidade.

Então, conhecer individualmente as árvores leva a uma economia de tempo e a uma presença frequente de artesãs em determinadas áreas do território. Para usar as palavras da pesquisadora Anna Tsing (2015) são criados lugares familiares. Na caminhada à procura de tucumãzeiros, são registrados na memória das artesãs, os diversos vegetais, o relevo, as estruturas e as distâncias.

Com as idas frequentes até os tucumãzeiros que fornecem palha boa, as artesãs passam a conhecer detalhes da paisagem.

As experiências das gerações anteriores são também importantes na construção desse catálogo de conhecimentos. Com seu crescimento multicaule se formam as tronqueiras.

As interlocutoras chamam os novos caules de filhos, e o maior indivíduo, de mãe, no processo de “*ir filhando*”, segundo narrou dona Marcina. Essa forma de crescimento do tucumãzinho permite disponibilidade constante de guias ao longo do tempo: enquanto a mãe emite guias, os filhos estão crescendo e, conforme aquela vai envelhecendo, os filhos passam a emitir guias.

Assim, as experiências vividas pelas artesãs mais antigas com as tronqueiras e os conhecimentos por elas acumulados podem ser transmitidas para as novas gerações de artesãs, que continuam a utilizar as mesmas árvores.



Enquanto o declínio de interesse nos frutos se deve a questões socioeconômicas e culturais, o crescente interesse nas folhas pode ser explicado pelo valor que as folhas passaram a ter no contexto local.

Considerando as fases de descoberta tratadas na primeira parte dessa revista, o maior interesse nos frutos dos tucumãs parece ter se concentrado nos períodos anteriores aos projetos e no início deles: Durante a primeira e a segunda fase da descoberta, enquanto ainda os trançados do Arapiuns estavam sendo reconhecido como artesanato tradicional, é provável que os frutos ainda fossem consumidos com expressividade. Já na terceira e atual fase, com o total reconhecimento de seu valor cultural, econômico e patrimonial, o que se vê são as folhas como objeto de grande atenção e utilização.

A execução de projetos de intervenção e organização social coletiva de artesãs, que deu continuidade às ações de incremento da produção artesanal, promoveram um aumento na demanda das peças e, conseqüentemente, da matéria-prima com que são feitas, as palhas do tucumãzinho.

Assim, compreendo que a AARTA desempenha um papel que incentiva engajamentos com os tucumãzeiros para a produção artesanal, onde saberes e práticas são criadas, desenvolvidas e transformadas.



A seguir, detalharei o saber-fazer dos trançados do Arapiuns em todas as suas etapas de produção, ocorridas em diferentes lugares, com diferentes objetivos. Organizei a produção em sete etapas, que são: tirar guia, preparar e secar folhas, preparar tingimento, pintar palhas, tecer, fazer grafismos e fazer acabamento, que serão demonstradas, principalmente, por fotos.

Os trançados do Arapiuns são compostos por alguns tipos ou marcas, ou seja, há diferentes formas de entretrançar palhas.

Nas comunidades estudadas, predomina a produção em tecido fechadinho, e, mesmo que muitas artesãs saibam tecer o tipo vazado, não o fazem. Assim, o processo de produção demonstrado aqui é para o trançado do tipo fechadinho.

**AS ETAPAS DA
PRODUÇÃO...**

1) TIRAR GUIAS



Na imagem da esquerda, dona Selma e dona Eleize tirando guias com auxílio de vara com foice na ponta. Na imagem ao lado, Dona Leuca pronta para voltar para casa, após retirar palha e galhos de vassourinha, que encontrou no caminho para as árvores de tucumã.

2) PREPARAR E SECAR PALHA

Após a retirada dos espinhos, as folhas estão prontas para serem colocadas para secar e se tornarem palhas.

Após passar dias secando ao sol, quando se tornam brancas, as palhas estão prontas para serem tecidas.



3) PREPARAR TINGIMENTO



Todas as cores produzidas para tingimento das palhas são provenientes de vegetais: mangarataia-amarela, urucu, jenipapo, crajiru e capiranga.

Na imagem da esquerda, Dona Nersiana, com algumas folhas de capiranga já retiradas de um galho e terçado utilizado para abrir caminho na mata. Na imagem da direita, acima, estão pés de urucu da artesã e na imagem abaixo, mangarataia-amarela colhida por dona Marcina.

4) PINTAR PALHA



Na imagem da esquerda, uma panela com palha pronta para ser tingida com urucu, na casa de dona Leuca. Na imagem do meio, dona Nersiana, em seu quintal, monitora o fogo preparado para tingir palha. Na imagem da direita, dependurada no caibro, o feixe de palha pintado com urucu. Enquanto a palha seca, dona Nersiana continua tecendo.

5) TECER



Na imagem acima, início de uma peça por dona Marcina. Composta pela tala e filhos. Qualquer peça se inicia com eles.

Na imagem abaixo, produção de descanso de panela, por dona Nersiana. No momento da fotografia, a artesã havia acabado de utilizar, em dois pontos anteriores, a palha tingida com capiranga e com a faca, iria tirar essa palha. É possível observar na mão esquerda, que ela segura os filhos.



6) FAZER GRAFISMOS



Os grafismos também podem ser chamados de pinta, bordamento, bordado ou design. Existe um conjunto de elementos conhecidos, reproduzidos e criados pelas artesãs, que se repetem nas comunidades, como: ciranda ou criança esperança, florzinha, grafite, colorido, bejuzinho ou ouro, estrela/estrelinha ou sol, coração, gato, sol, índios, roseira, “xis” e “linha quebrada”. Da esquerda para direita, de cima para baixo, está o grafismo xis, florzinha, bejuzinho ou ouro e roseira. Fábricas de Nilsa, Marcina (2) e Taquinho, respectivamente.

7) FAZER O ACABAMENTO

Chegando na última carreira da peça, os filhos, após passarem pela tala, são colocados para baixo e são cortados com a faca, sendo eliminados.

Na imagem da esquerda, um dos últimos filhos está sendo cortado para que a peça seja finalizada. Na imagem da direita, dona Nersiana mostra o resultado de seu trabalho, o “descanso do sol”.



Algumas conclusões dessa parte da pesquisa:

As fases de "descoberta" também afetaram os saberes e práticas com os tucumãs. Em um momento de pouca valorização da produção artesanal e pequena geração de renda, havia maior dependência dos produtos alimentares disponíveis na região. O desenvolvimento de projetos na Vila Coroca promoveu tanto a valorização artesanal, quanto a criação animal e de pomares, além da organização social.

Foi por meio da AARTA que esse conjunto de novidades pôde se expandir e se consolidar para outras comunidades, como Vista Alegre e Aratapi.

Nesse processo, o acesso facilitado à renda, por conta da comercialização de peças, possibilitou maior interesse nas folhas dos tucumãzeiros, que são matéria prima para o artesanato.

A forma com que o artesanato em palha de tucumã tem sido produzido atualmente mantém características antigas como o uso do tucumãzinho, o ponto fechado e o predomínio de mulheres na atividade. Mas como um artesanato tradicional, também passa por mudanças, como no uso de vegetais para colorir as palhas, nos tipos de peças, nos saberes e práticas desenvolvidas recentemente.

QUANDO O ARTESANATO É VALORIZADO, A PAISAGEM SE MODIFICA: CULTIVO, MANEJO E PLANTIO DE TUCUMÃZEIROS

Uma coisa me chamava a atenção nas falas das interlocutoras e dos interlocutores: todos afirmavam que, atualmente, havia maior quantidade de árvores de tucumã presentes nas comunidades, do que em períodos anteriores. A maioria das interlocutoras e interlocutores também afirmava que, com o passar do tempo, a localização das árvores se tornou mais próxima da comunidade e, por isso, elas têm necessitado cada vez menos ir até locais afastados para tirar guias.

Nessa parte do trabalho, eu falo sobre as formas de cultivo dos tucumãzinhos pelas artesãs e familiares e tentei entender como essas formas podem estar impactando as paisagens das comunidades.

As explicações para esse aumento observado estão em torno, principalmente, das práticas humanas, que são o foco do que falarei aqui. Mas uma característica dos tucumãzeiros foi também mencionada como responsável pelo aumento populacional: a grande quantidade de frutos e a facilidade para dar filhos em torno do tucumãzeiro mãe.

Inicialmente, abordarei as práticas que acontecem há gerações e depois, práticas mais recentes, que podem ser organizadas em três formas básicas: **descarte, cuidados e plantio.**

DESCARTE

As históricas formas de consumo dos frutos de tucumãzinho (in natura, na forma de suco ou na caponga) deixam as sementes inteiras. Para o consumo em preparos, é usada grande quantidade de frutos para que haja quantidade suficiente de carne. Os caroços que restam são despejados nas capoeiras e nos seringais adjacentes às casas ou em outros locais.

Dona Marcina relembra que sua mãe já dispensava os caroços de tucumã consumidos no seringal existente próximo à sua casa, e mesmo seus avós trouxeram do Lago Grande frutos de tucumã, em suas andanças por lá: *“fizeram o vinho e amontoaram lá a semente”*.

Conforme os relatos das interlocutoras, jogar sementes de tucumã nas proximidades de casa era uma prática recorrente e os resultados são visíveis nos dias atuais.



Consumir os frutos de tucumãzinho parece ter influenciado diretamente a composição da paisagem nas comunidades. O consumo produz uma concentração de sementes prontas para a germinação. A família precisava se desfazer da grande quantidade de sementes, fazendo-o de uma maneira com relativo interesse futuro: deixando os caroços em matas, seja capoeira, seja seringal próximos das casas, tarefa que poderia ser atribuída às crianças.

CUIDADO

Outro fator que tem levado ao aumento da quantidade de tucumãzeiros é o cuidado com as árvores, que pode ser feito de várias maneiras. Todas elas com o objetivo de preservar a árvore para consumo dos frutos, mas, principalmente, para uso das palhas.

Pelas experiências das artesãs e artesãos, o tucumãzinho não gosta de ser transplantado de um local para outro. A semente deve ser plantada onde se quer que a árvore permaneça. Essa exigência observada leva a uma valorização das sementes germinadas sozinhas, revertendo-se em cuidado com o indivíduo tucumãzeiro que nasceu.

Se a muda está se desenvolvendo em um local que não vá atrapalhar alguma estrutura construída, ou se sua palhada com espinhos não oferecer risco, a tronqueira de tucumãzeiro é cuidada, limpando-se em volta, para que ela cresça bem, sem ser sufocada pelo mato.

Esse cuidado também é praticado quando poupam os tucumãzeiros de corte. Nos roçados de dona Maria (como mostra a imagem) e de seu Taquinho, os tucumãzeiros nascem e são deixados ali para se desenvolverem, prática que parece ser relativamente recente, como seu Taquinho contou: “*vou deixando, não corto mais*”. Nos quintais e caminhos eles também podem ser deixados.



PLANTIO

Por fim, uma terceira forma básica que tem provocado o aumento de árvores de tucumãzeiro é o plantio. Para aprender a plantar tucumã foi preciso experimentar, desenvolver técnicas, ter paciência e persistência.

As interlocutoras e os interlocutores não recordam de os familiares plantarem tucumãzeiros, e mesmo atualmente essa prática não é muito comum entre as famílias. Apenas dona Nersiana a realiza com frequência e seu Taquinho já o fez algumas vezes, mas deixou de plantar. Plantar tucumã reflete a característica do lote quanto à presença de tucumãzeiros e uma preocupação com o suprimento de palha para produzir artesanato. Por exemplo, dona Maria, a partir da percepção de seu lote, que tem muito tucumãzeiro, não vê necessidade de plantá-los para ter palha.

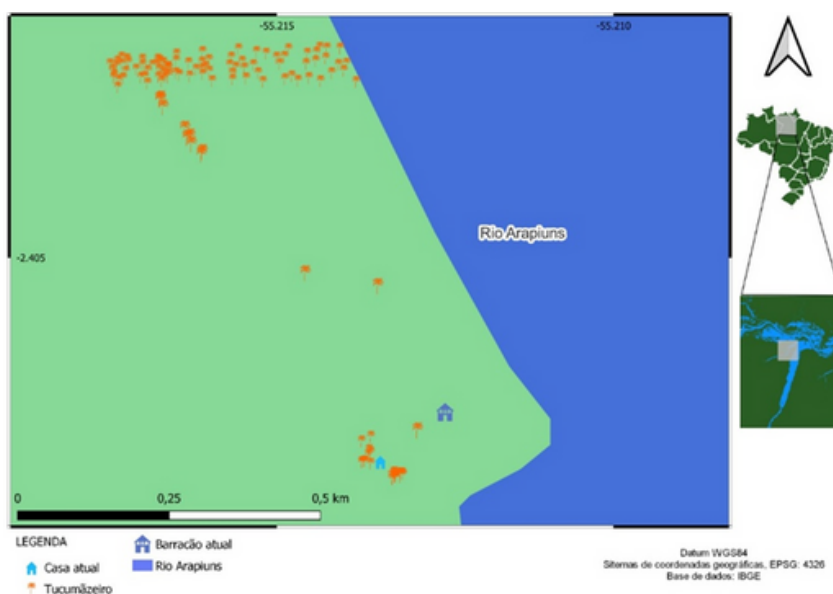
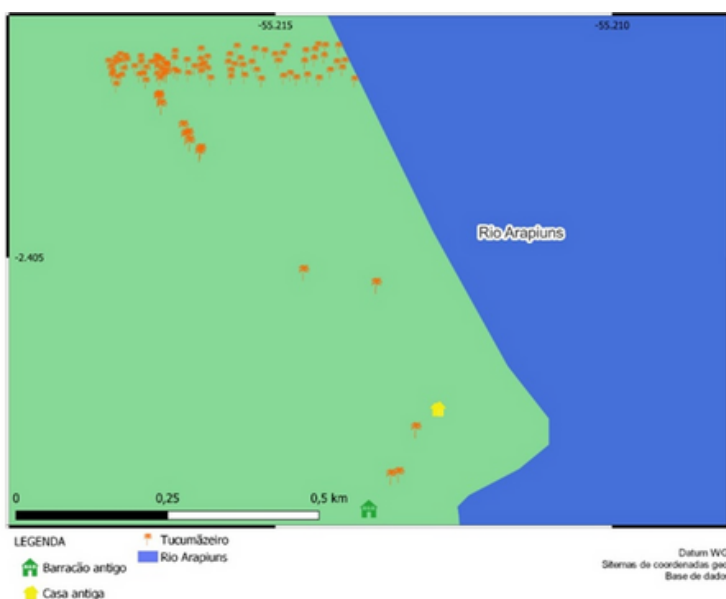
No caso de dona Nersiana, a preocupação e o interesse em plantar foi estimulado por dona Neida, quando ela era presidente da AARTA. Além disso, a sogra de Nersiana, dona Guíta, também achava necessário plantar tucumãzeiros, analisando o aumento da demanda pelas guias. Há aproximadamente dez anos, dona Nersiana iniciou seu plantio de tucumãzeiros, e atualmente, tem plantas de idades diferentes.

Cuidar e plantar são práticas que se intensificaram desde que as peças em palha de tucumã se tornaram mais valorizadas para comercialização. Já plantar, tem o sentido de garantir que a artesã continuará tendo acesso à árvore para retirar guias.

Assim, descartar intencionalmente, cuidar e plantar tucumãzeiros são práticas realizadas por diferentes gerações e têm promovido um aumento na quantidade das árvores, contribuindo para compor as paisagens das comunidades.

Os relatos das artesãs sobre mudanças na quantidade e/ou localização dos tucumãzeiros demonstram a transformação na paisagem local das comunidades. Para compreender melhor e visualizar a dinâmica de uso dos tucumãzeiros para tirar guias, ao longo do tempo, propus às artesãs fazermos um mapeamento dos indivíduos e/ou áreas utilizados antigamente e atualmente.

Essa atividade foi feita com Maria Madalena, Nersiana e Marcina, mas apresentarei apenas os mapas de tucumãzeiros utilizados por dona Nersiana antiga e atualmente. Mas os comentários adiante são sobre o mapeamento feito com as três artesãs.



Analisando os mapas de uso antigo das três artesãs, era na área de dona Maria que havia maior quantidade de árvores próximas a casa.

Como ela diversas vezes me enfatizou, no seu lote, sempre teve muito tucumã, assim, plantá-los é desnecessário.

Por outro lado, no Aratapi (onde moram dona Marcina e Nersiana), a grande quantidade de tucumãzeiros utilizados ocorria (e ocorre) na localidade Terra Preta, que, atualmente, é parte do terreno vizinho, pertencente à comunidade Andirá. A família de dona Marcina e Nersiana dependia desse tucumãzal para retirar palha a fim de produzir o artesanato.

A percepção das artesãs de que houve aumento na quantidade de árvores pôde ser visualizada nos mapas dos três casos, ainda que esse aumento não tenha sido muito expressivo.

Os novos tucumãzeiros se concentraram nas proximidades das casas. Alguns dos indivíduos tucumãzeiros, utilizados antigamente, continuam sendo utilizados, ou seja, não houve uma rejeição por parte das artesãs a eles. Mas a frequência de uso desses pés diminuiu, já que há maior facilidade de encontrá-los atualmente.

Os mapas demonstram que houve também uma aproximação considerável dos tucumãzeiros utilizados pelas artesãs às casas. A presença atual desse incremento a alguns metros das casas, e não em outros locais, indica uma interação entre as pessoas e tucumãs. O que é exibido nos mapas revela que os tucumãzeiros utilizados atualmente estão nos arredores das casas, em locais de fácil acesso, porque não foram cortados, mas foram deixados, cuidados, manejados, plantados.

Algumas conclusões dessa parte da pesquisa:

No território das artesãs, a distribuição e quantidade de árvores de tucumãzeiro é diferente, com alguns lotes com maior disponibilidade de tucumãzinhos e outros com menor. Isto, em maior ou menor grau, interfere nas práticas de cultivo realizadas com os tucumãzeiros: descarte das sementes, cuidados com as mudas e árvores e plantio de tucumã. O descarte de sementes é feito há gerações, mas cuidar e plantar são práticas que se intensificaram desde que as peças elaboradas com a palha de tucumã se tornaram mais valorizadas para comercialização.

Tanto pela percepção das artesãs, como pelo mapeamento participativo feito com elas, foi notável que a quantidade de tucumãzeiros utilizados aumentou nas proximidades das casas das artesãs. Por meio do descarte intencional de sementes e de cuidados com as mudas e as árvores e do plantio, as artesãs e suas famílias provocaram mudanças nas paisagens locais.

Para concluir...

A produção de peças em palha de tucumã se transformou, principalmente, devido à constante atuação da AARTA, organização comunitária de artesãs. Após os primeiros projetos de intervenção na Coroca com o artesanato, a AARTA deu continuidade ao processo de "descoberta" do artesanato em diferentes espaços e com diferentes parceiros. Como consequência desse processo, a histórica utilização de tucumãzeiros também se modificou.

O maior interesse nas guias visto atualmente é resultado da valorização artesanal contínua, ocorrida com uma diminuição do interesse no frutos. Assim, nas comunidades onde a pesquisa foi desenvolvida, os relacionamentos entre pessoas e tucumãzeiros se intensificaram e, inclusive possibilitaram um envolvimento das artesãs com outros vegetais (para tingimento) também utilizados na produção dos trançados do Arapiuns.

Com a valorização do artesanato e dos tucumãzeiros, as práticas de plantar e cuidar tornaram-se mais comuns. Descartar as sementes, que já era feito antigamente, também possui um significado na atualidade: não é apenas para se livrar das sementes, mas se orienta também pelo interesse de que essas sementes germinem e futuramente, forneçam frutos e folhas aptos para utilização. Houve um crescimento na quantidade de tucumãzinhos utilizados pelas artesãs, bem como mudança dos locais de acesso a eles, porque atualmente estão em áreas mais próximas das casas. Essa mudança se deu em pequena escala, mas é relevante na prática e na paisagem local.

Organização:
Ana Carolina Vitorio Arantes

Supervisão:
Luciana Gonçalves de Carvalho
Bruno Alberto Paracampo Miléo

Projeto:
Signos coletivos para empreendimentos
econômicos solidários: diálogos
interdisciplinares sobre artesanatos de tradição
cultural em Santarém - PA
(Edital n° 01/2021 Reitoria -
CGPRITS/UFOPA)

